

CRIANÇAS E JOVENS SUBMETIDOS À OPRESSÃO

Uma abordagem da situação em Lm 5 e considerações sobre crianças e jovens no Brasil atual

*Norberto da Cunha Garin**

1. Primeira palavra

O livro de Lamentações é constituído de cinco composições poéticas seguindo uma estruturação alfabética, sendo que os quatro primeiros poemas formam um acróstico e o quinto é alfabético. Esta forma de escrever estava ligada à facilidade de memorização pelas pessoas ou até por uma questão estética¹, mas certamente estas não eram as únicas justificativas para a estrutura acróstica/alfabética: dessa forma o poeta transmitia o sentido de completude do lamento², havia esgotado tudo o que se podia dizer sobre a tristeza do povo ao ver o Templo em ruínas.

A situação de penúria vivida pelo povo que permaneceu na terra foi tão grave que, em função da fome³, as pessoas tiveram que matar e comer os próprios filhos (Lm 2,20; 4,10). Ainda que Lamentações não utilize a expressão “Dia de Javé”, usa outras expressões com o mesmo conteúdo: “O dia de sua ardente ira” (Lm 1,12); “o dia de sua ira” (Lm 2,1); “o dia da tua ira” (Lm 2,21); “o dia da ira de Javé” (Lm 2,22), para se referir a este momento singular em sua história. Entretanto, o conteúdo utilizado por Lamentações é diferente do utilizado por outros escritores, como os utilizados pelos profetas Isaías e Amós: em Lamentações o dia de Javé também se reporta ao passado. O sentido era de um cumprimento parcial no passado, referindo-se à queda de Jerusalém e um acontecimento esperado para o futuro, o tempo da conversão quando os dias seriam renovados (Lm 5,21). De fato, o povo de Jerusalém estava tão convicto da inviolabilidade de Sião, “a cidade protegida por Javé”, que jamais esperava uma queda tão cruel⁴. Este fato abalou profundamente a fé do povo. Diferentemente dos profetas, como o segundo Isaías, nas Lamentações, a esperança não estava vinculada a um personagem humano, mas exclusivamente a Javé através de sua graça (Lm 3,22-29).

* Professor do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação do Centro Universitário Metodista, do IPA. E-mail: norberto-garin@hotmail.com.

1. GOTTWALD, Norman K. *Introdução sociológica à bíblica hebraica*. Paulinas: São Paulo, 1988, p. 501.

2. A forma de lamentações já aparecia em Dt 26,6-7, o texto mais antigo da tradição redacional judaica que é conhecido como a primeira oração do povo de Israel quando deixou o Egito. Esta forma poética de lamentações também é atribuída a Jesus quando o autor de Hebreus se refere a ele: “O qual, nos dias da sua carne, oferecendo, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas ao que o podia livrar da morte, foi ouvido quanto ao que temia.”

3. Conforme Lm 1,11; 2,19.

4. BONORA, Antonio. *Naum, Sofonias, Habacuc, Lamentações: sofrimento, protesto e esperança*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 146.

As Lamentações, desde o período do Exílio Babilônico, têm sido recitadas por um povo entristecido pela destruição do Templo de Jerusalém e desde os anos setenta, o judaísmo ortodoxo tem recitado seus versos durante o jejum comemorativo da queda do Templo. Judá tem consciência do seu pecado e as Lamentações enfatizavam a responsabilidade moral do povo que teve como consequência a destruição da Cidade⁵. O escritor não se reporta ao perdão ou à restauração, permanecendo apenas na confissão do pecado. Nota-se apenas um pedido a Javé pela conversão do povo e a convicção de que Ele não os rejeitaria para sempre (Lm 5,21-22).

Como não é possível identificar o autor, nem a data destes poemas, é preciso recorrer ao seu conteúdo para estabelecer alguns parâmetros. O autor deve ter sido um poeta anônimo⁶, mas a data de composição das quatro primeiras lamentações teria ocorrido ao redor de 587 aC, visto que os poemas remetem a cantos litúrgicos. Segundo Jr 41,5, o povo se reunia junto às ruínas do Templo (Lm 2,6) para continuar a celebrar o culto⁷. A quinta lamentação deve ter sido composta um pouco mais tarde, mas não muito, pois não menciona nada a respeito de qualquer movimento de reconstrução⁸. Cada lamentação, com exceção da quarta, encerra-se com uma oração de intercessão⁹, o que valoriza grandemente o poder deste instrumento de aproximação com Javé.

Esta teria sido a primeira obra literária a ser produzida após a grande catástrofe que destruiu Jerusalém e impôs aos judeus um exílio cruel. A intenção do poeta foi demonstrar aos povos vizinhos que Javé não era um Deus fraco, nem havia morrido como poderiam pensar os povos pagãos da época. Muito pelo contrário, a destruição da cidade e do Templo era obra do próprio Javé que punia Judá por causa de sua infidelidade¹⁰. Nota-se um contraste entre a grandeza e a glória da grande Cidade e a ruína e destruição que vieram a se tornar. Outrora repleta de peregrinos, agora vazia e solitária, na qual só circulava a tristeza e o desamparo. Antes elevada às alturas, depois totalmente enterrada entre os escombros.

2. A quinta lamentação

Diferentemente das três primeiras lamentações, a quinta se constitui num pedido de perdão e de restauração para Judá. O poeta fala na primeira pessoa do plural, incorporando toda a comunidade sofrida, marcada do início ao seu final por um apelo a Javé. No início faz Javé recordar de todo o sofrimento de que o povo foi vítima e, no final, pede que Javé converta a todos novamente a ele (Lm 5,1; 5,21). Trata-se de uma

5. Lm 1,18 faz uma confissão do pecado cometido contra a palavra de Javé.

6. Na versão dos Setenta e na Vulgata, o Livro de Lamentações aparece na sequência de Jeremias com o nome de Lamentações de Jeremias em virtude de uma antiga tradição que atribui este livro ao profeta, com base em algumas citações (1Cr 35,25; Jr 22,10.15.18; Lm 4,20).

7. A despeito de todo o horror, o povo de Jerusalém não abandonou a celebração e, dentro dela, a música (Lm 3,14).

8. MONTAGUE S. M., George T. *Conoce la biblia: Antiguo Testamento*. Vol. 19 Los libros de Sofonías, Nahum, Habacuc, Lamentaciones, Abdías. Ediciones Mensajero, Bilbao; Editorial "Sal Terrae", Santander, 1970, p. 85.

9. É justamente na intercessão que se fixa a esperança do povo; no decorrer das lamentações se estabelece o contraste entre o desespero pela catástrofe e a esperança em Javé (Lm 3,19-21).

10. Em 1,5 há referência explícita sobre esta atitude de Javé como punição a Judá e a omissão (falsidade) das lideranças, que aparece em Lm 2,14.

confissão da misericórdia divina e esperança de possibilidades futuras, que compõe a moldura da quinta lamentação¹¹.

Neste poema, o autor menciona vários segmentos da sociedade judaica que sofreram as piores humilhações a partir da queda da Cidade e do Templo apresentando a Javé as feridas de que cada setor é vítima.

Em 5,2-3 menciona a aliança estabelecida entre Javé e Israel tantas vezes rompida pelo pecado do povo. Tudo aquilo que era privilégio de Judá passou a ser propriedade dos estrangeiros, de um povo que não tinha um deus verdadeiro e que escarnecia deles. Percebem-se sem pai e sem mãe, órfãos na própria terra. Perderam os homens que defendiam a economia e as famílias. Nos v. 4, 5 e 6 se refere aos bens essenciais, que se constituíam bênçãos de Javé, através da conquista da terra prometida e agora necessitam ser compradas por dinheiro além da liberdade que perderam, pois precisam trabalhar sem descanso. Em sua própria terra necessitam recorrer aos estrangeiros para conseguir os alimentos básicos. Mesmo tendo que pagar pelo pão, ainda assim o abastecimento não era garantido, pois necessitavam enfrentar os beduínos durante o transporte para Judá (v. 9). No v. 7 se referem ao pecado dos antepassados que provocou toda essa humilhação. Mas é no v. 8 que menciona seus próprios irmãos judeus, membros do partido popular de Judá, que conquistaram a confiança dos opressores e agora se tornaram alcaguetes dos babilônicos. A partir do v. 10 as lamentações se direcionam às piores agruras humanas sofridas pelo povo, a fome (v. 10), a violação das mulheres (v. 11) já mencionadas em 1,15 e 18, as lideranças e os anciãos (v. 12).

Os v. 13 e 14 mencionam os jovens, os meninos (Lm 1,11; 2,10) e os anciãos (Lm 1,19). Os anciãos eram os responsáveis pelo estabelecimento das leis e pelo julgamento das causas do povo junto à porta¹² da cidade e já não podiam exercer mais a sua função. As assembleias foram suspensas e os anciãos não julgam mais. Os jovens¹³ não entoam mais as canções, pois estão alijados da alegria dos cultos e da alegria da própria vida¹⁴. De forma especial, enfatiza os jovens e meninos que necessitam tocar a mó e “tropeçam” sob a carga pesada da lenha que carregam.¹⁵ É fundamental considerar que, ao serem submetidos à opressão do trabalho, os meninos e os jovens ficavam privados do aprendizado, fundamental na tradição dos judeus.

Os v. 15 a 18 enfatizam que a causa dos males sofridos pelo povo são os pecados da geração presente da mesma forma como atribuía às gerações dos antepassados¹⁶ a queda de Judá. A desolação era tão grande que não havia mais alegria em Judá, pois o canto dos jovens se calou e com isto a dança cessou: não havia mais alegria. A queda da coroa estava relacionada à perda da soberania (Lm 2,9), já preconizada pela profe-

11. BONORA, 1989, p. 156.

12. As portas estão desoladas porque a cidade foi destruída: não há mais julgamentos (Lm 1,4; 2,9).

13. Neste sentido também o Lm 1,15.18 fazem referência à maneira cruel com que os jovens foram tratados.

14. A crueldade foi sentida fortemente pelos judeus que tiveram sua intimidade invadida, ilustrada pelo escancaramento do Templo às nações gentias (Lm 1,10).

15. MONTAGUE S. M. 1970, p. 126.

16. O poeta reconhece como causa da tragédia o pecado de Jerusalém (1,8), referindo-se aos sacerdotes e profetas.

cia (Jr 16,9; 25,10)¹⁷. Antes de iniciar a oração final (Lm 5,19-22), o poeta faz uma conclusão desolada diante do escárnio de até “raposas” passearem pelo monte Sião, o monte sagrado para Judá (Lm 1,9).

Os v. 19 a 21 se constituem na oração final do poeta que, mais uma vez, reafirma sua fé em Deus e na sua infinita misericórdia, que se confirma mais uma vez quando Jerusalém foi resgatada dos escombros e celebrada, como afirma o profeta para quem um dia se enlutou e a pranteou (Is 66,10).

3. De Lamentações para hoje

A sede de conquista mundial dos babilônicos, no início do século V aC, representava o modelo político da época, presente na maioria das nações da mesma época, inclusive para Judá no período do reinado de Davi¹⁸. Este modelo implicava, muitas vezes, no exílio das lideranças políticas e religiosas dos povos dominados, expropriação da população que permanecia na terra e inserção de povos estranhos, tudo como parte do projeto de dominação e aniquilação da identidade e soberania dos dominados. Este parece ter sido o cenário que aconteceu em Judá, descrito pelas Lamentações.

A sede de conquistas do ser humano continua tão forte agora como era naquele tempo. O que mudou foram os modelos de dominação. Hoje, com o advento da globalização da economia e das comunicações instantâneas em rede, os processos de dominação parecem mais sutis, mas não menos perversos. Se para os habitantes de Judá, do século V aC, a forma de obrigar os jovens e as crianças era através dos trabalhos forçados por causa da miséria e da fome, hoje a situação de famílias urbanas e rurais tem levado a diversas formas de exploração da mão de obra infantojuvenil.

Um diagnóstico sobre os direitos humanos no Brasil, do início do século, constata que em 2001 havia cerca de 5,5 milhões de crianças e jovens menores inseridos no mercado de trabalho¹⁹ dos quais 2,4 milhões era constituído de pessoas entre 5 e 14 anos²⁰. Neste caso, as causas apresentadas pelo diagnóstico se referem à “pobreza, má distribuição de renda e falta de um sistema de educação mais abrangente”²¹. A diversidade de locais nos quais estas crianças e adolescentes desenvolvem suas atividades são as mais inadequadas para as suas idades. Na zona rural²² envolvem situações de riscos como periculosidade, insalubridade, manejo de ferramentas cortantes, contato com substâncias tóxicas, excesso de peso de fardos, longas jornadas. Nos centros urbanos elas desenvolvem suas atividades em sinaleiras, próximos a bares e boates e como empregados domésticos. Entretanto, as mais cruéis de todas as explorações do

17. A primeira lamentação, 1,7, se refere aos dias de aflição como consequência do pecado dos antepassados.

18. Davi reinou de 1010 a 970 aC, aproximadamente.

19. Este dado vem caindo e em 2007 representava apenas 2,3 milhões conforme dados do IBGE.

20. COSTA, Cândida; NEVES, Ciani Sueli das. As mudanças no mundo do trabalho e as novas formas de exploração dos trabalhadores: o trabalho no Brasil. in: *Direitos Humanos no Brasil 2: diagnóstico e perspectivas*, ano 2, n. 2, CERIS; Mauad X; MISEREOR: Rio de Janeiro, 2007, p. 149.

21. COSTA, 2007, p. 149.

22. Cerca de 36,5% trabalham em granjas e fazendas (Perfil do trabalho infantil no Brasil. In: <http://br.guiainfantil.com/direitos-das-criancas/450-trabalho-infantil-no-brasil.html> – Acesso em 26 fev 2011).

trabalho infantojuvenil são a atividade sexual e o aliciamento para o tráfico de entorpecentes. É necessário considerar que, além de toda a crueldade que este tipo de trabalho provoca, há o agravante do exílio escolar: para se dedicar ao trabalho, crianças e adolescentes são obrigados a deixar de lado os bancos escolares e, com isso, perpetuar um ciclo de miséria.

4. Considerações

Não se trata apenas de uma oração ou de um lamento: é o grito da alma dolorida e sofredora que discursa sobre e para Deus. Também não significa o voltar-se para si mesmo egoisticamente, vago, melancólico, pois o sofrimento mudo poderia revelar a falta de fé do povo. É, portanto, o clamor diante do absurdo que desfila diante dos olhos marejados ao perceber os inimigos passando sobre o monte Sião, para eles, a morada sagrada de Javé. As Lamentações, pela gravidade da dor e o desespero diante da miséria, na qual o ser humano estava mergulhado, nos leva ao limite, capaz de nos fazer sentir ínfimos diante do horror. Dessa forma, o poeta interpreta o sofrimento do seu povo e afirma a confiança no sentido de que a vida depende exclusivamente de Deus. Este grito mistura o protesto com a invocação e desejo de retorno ao que era antes.

As Lamentações se constituíam na maneira do povo expressar a dor que resistia e não se entregava ao silêncio. Resistia à tendência fatalista que sempre reaparece em situações de desespero e de dor. Revelava a capacidade de lutar com Deus pelo direito à bênção que, por ora, não conseguiam perceber. Assim, nas Lamentações, os olhos também se projetavam para o horizonte carregado de esperanças. Uma vez reconhecendo o pecado dos antepassados e os de sua própria geração, confiavam unicamente na misericórdia de Javé que os haveria de fazer retornar ao convívio de amor. No contexto litúrgico, as Lamentações eram realizadas como orações com a convicção de que através deste meio de aproximação Javé seria sensível.

As circunstâncias são distintas, mas o horror e o desespero são os mesmos. O povo de hoje tem o mesmo sentimento do povo do séc. V aC ao perceber os meninos(as) e jovens sendo devorados pelas necessidades do mundo contemporâneo. A precariedade dos salários tem levado à procura de mão de obra barata incluindo os ganhos das crianças que complementam a renda familiar. Ainda que a taxa de ocupação do trabalho infantojuvenil venha caindo no Brasil, permanece a tristeza de mães e pais que precisam ver seus filhos(as) retirados da escola para se dedicarem a uma atividade que deveria ser exclusividade dos adultos.

O Brasil não está sob o domínio político de outra nação, mas, por outro lado, a inserção das nações no mundo globalizado tem pressionado as famílias na direção da inserção no mundo do consumo. A pressão não procede de um ditador cruel, mas da crueldade de uma sociedade de consumo impulsionada pela propaganda cada vez mais especializada e sutil. Essa propaganda desenvolve, no imaginário das pessoas, a necessidade de acompanhar determinados padrões de consumo. Essa pressão é tão signifi-

ficativa que leva as famílias a adquirirem bens e serviços, cujo preço compromete a qualidade de vida e o futuro das novas gerações.

Referências bibliográficas

MONTAGUE S. M., George T. *Conoce la biblia: Antiguo Testamento*. Vol. 19 Los libros de Sofonías, Nahum, Habacuc, Lamentaciones, Abdías. Ediciones Mensajero, Bilbao; Editorial “Sal Térrea”, Santander, 1970.

GOTTWALD, Norman K. *Introdução sociológica à bíblica hebraica*. Paulinas: São Paulo, 1988.

FACILIDADES de acesso a serviços bancários gera endividamento de jovens. In: <http://jornalcostadomar.com.br/847.pdf>. Acesso em 19 jan 2011.

BONORA, Antonio. *Naum, Sofonias, Habacuc, Lamentações: sofrimento, protesto e esperança*. Paulinas: São Paulo, 1989.

CALOVI, Marcos. Lamentações: uma introdução. In: *Escritos: Salmos, Jó e Provérbios, Rute e Cântico dos Cânticos, Eclesiastes e Lamentações, Ester e Daniel, Esdras/Neemias e 1 + 2 Crônicas*. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 52. Vozes: Petrópolis, 2005.

SCHÖKEL, Luis Alonso. *Daniel, Baruc, Carta de Jeremias, Lamentaciones: Introducciones y comentarios de*. Ediciones Cristiandad: Madrid, 1976.

MESQUITA, Antônio Neves de. *Estudo nos livros de Jeremias e Lamentações de Jeremias*. JUERP: Rio de Janeiro, 1979.

Brasil ocupa sexta posição do ranking de homicídio de jovens. In: <http://www.clicrbs.com.br/especial/rs/portal-social/19,0,3221142>. Acesso em: 25 fev 2011.

COSTA, Cândida; NEVES, Ciani Sueli das. As mudanças no mundo do trabalho e as novas formas de exploração dos trabalhadores: o trabalho no Brasil. In: *Direitos Humanos no Brasil 2: diagnóstico e perspectivas, ano 2, n. 2*, CERIS; Mauad X; MISEREOR: Rio de Janeiro, 2007.

Norberto da Cunha Garin
Rua Cel. Feijó, 442/504
90520-060 Porto Alegre, RS